

TRINTA E CINCO ANOS DE PESQUISAS SOBRE KANT: UMA PANORÂMICA EM RETROSPECTIVA *

Stephen R. Palmquist
Hong Kong Baptist University
stevepq@hkbu.edu.hk

Por conta de o ano de 2018 contar 35 anos da publicação do meu primeiro escrito sobre Kant,¹ eu lhes convido a fazer uma viagem em minha trajetória de pesquisa kantiana, uma panorâmica em retrospectiva que deve prover um bom trampolim, o qual impulsiona talvez mais trinta e cinco anos de pesquisas fecundas – ou, no entanto, muitos anos mais que me permitam completar a minha pesquisa! Minha carreira como comentador de Kant começou em janeiro de 1983, quando, no meio do meu terceiro ano como doutorando na Universidade de Oxford, eu fiz uma pausa na escrita de minha tese de doutorado sobre natureza humana, a fim de escrever um artigo sobre Kant. Minha ideia inicial era publicar o artigo, de modo que eu pudesse relacioná-lo à minha tese sem colocar nela uma quantidade desordenada de espaço para Kant. Tão logo eu terminei o artigo, eu percebi que ele percorria várias temáticas e precisaria ser dividido em cinco outros artigos, os quais foram todos prontamente aceitos para publicação.² Próximo ao fim de meu terceiro ano de doutorado (no meio de 1983), eu percebi que, naquele momento, eu tinha um material para uma tese completamente nova, agora focada *inteiramente* em Kant. Os cinco artigos tornaram-se capítulos da tese, a qual foi publicada (após a minuciosa revisão) como meu primeiro livro: *Kant's System of Perspectives* (será citada a partir de agora como *KSP*).³

* O manuscrito original e inédito submetido para a *Kant e-Prints* por Stephen R. Palmquist, intitulado: *Thirty-five Years of Research on Kant: A Retrospective Overview*, foi traduzido para o português por José Henrique Alexandre de Azevedo (Doutorando em Filosofia na UNICAMP).

1 O primeiro a ser publicado foi: “Faith as Kant’s Key to the Justification of Transcendental Reflection”, *The Heythrop Journal* 25.4 (Outubro 1984), pp. 442-455.

2 Os outros quatro artigos eram: “The Radical Unknowability of Kant’s ‘Thing in Itself’”, *Cogito* 3.2 (Março 1985), pp. 101-115. “Six Perspectives on the Object in Kant’s Theory of Knowledge”, *Dialectica* 40.2 (1986), pp. 121-151. “The Architectonic Form of Kant’s Copernican Logic”, *Metaphilosophy* 17.4 (Outubro 1986), pp. 266-288. “Knowledge and Experience—An Examination of the Four Reflective ‘Perspectives’ in Kant’s Critical Philosophy”, *Kant-Studien* 78.2 (1987), pp. 170-200. Antes de deixar Oxford em 1987, eu também publiquei quatro outros artigos que não fizeram parte de minha tese de doutorado.

3 *Kant’s System of Perspectives: An Architectonic Interpretation of the Critical Philosophy* (Lanham, MD: University Press of America, 1993).

O principal argumento de meu primeiro trabalho sobre Kant, incluindo a minha tese, a sua revisão como *KSP* e a maioria de minhas primeiras publicações, é que a maior parte (talvez todas) das aparentes inconsistências no sistema filosófico de Kant podem ser revistas (*reconciled*) se nós levarmos a sério a alegação de Kant de que seu sistema é organizado de acordo com um padrão arquitetônico, que a própria razão nos concede. O problema com este tipo de abordagem é que Kant é, notoriamente, obscuro sobre o que, de fato, é este padrão arquitetônico. Postulando que o padrão que Kant tem em mente era precisamente sua tábua das doze categorias e que a forma da sua divisão (em duas séries de distinções diádicas, com cada uma das quatro principais categorias resultantes, sendo dividida em um padrão categorial triplo) é, no mínimo, tão importante, para Kant, quanto seu conteúdo, eu argumentei que quatro distintas “perspectivas” (uma transcendental, uma lógica, uma empirista e uma hipotética) guiam a razão kantiana sempre que ela tentar construir um “sistema”. Além disso, o próprio Sistema Crítico segue este padrão: o Sistema, em sua totalidade, adota o Transcendental como sua “Perspectiva” geral; a primeira *Crítica* adota a perspectiva lógica, visando estabelecer o conhecimento de um ponto de vista *teorético*; a segunda *Crítica* adota uma perspectiva hipotética, em vista de determinar a ação de um ponto de vista *prático*; e a terceira *Crítica* liga estes dois últimos, por meio da adoção da perspectiva intermediária ou empirista como de um ponto de vista *judicativo*. *KSP* traça o argumento principal de cada uma das três *Críticas*, mostrando como, munido com este mecanismo estrutural arquitetônico, o intérprete pode ver consistência onde muitos intérpretes viram apenas autocontradição e exaustão, onde intérpretes não “perspectivistas” veem apenas transições carentes ou fortuitas.

Um dos revisores de *KSP* recomendou que os três capítulos finais que constavam da versão do texto da tese, os quais concordavam com implicações teológicas das análises precedentes (especialmente aquele contido no extraordinário livro de Kant de 1793/1794, *Religião nos Limites da Simples Razão*; a partir de agora *RL*), deveriam ser retirados deste primeiro livro e transformados em um segundo volume. Levando, fortemente, em consideração este conselho, eu pensei de modo mais aprofundado sobre as implicações de minha interpretação arquitetônica e percebi que ela tem implicações não apenas para a religião (e teologia), mas também para a ciência (e filosofia da ciência), assim como para a antropologia (e filosofia política). Eu, em vista disso,

substituí a série original de três capítulos conclusivos por três novos capítulos, esboçando os conteúdos planejados em vista de um segundo, terceiro e quarto volumes de um projeto completo de *Kant's System of Perspectives*. Eu passei a maior parte da década de 1990, escrevendo por volta de uma dúzia de artigos que se tornaram capítulos ou apêndices neste referido segundo volume,⁴ o qual foi publicado em 2000 sob o título de *Kant's Critical Religion* (daqui em diante: *KCR*).⁵

O principal propósito de *KCR* foi demonstrar que (se interpretado contra o pano de fundo que considera um entendimento coerente e arquitetonicamente atualizado da filosofia Crítica) a visão de Kant sobre Deus e a religião pode ser vista como tendo um essencial impulso afirmativo. A *Parte Um* é endereçada a algumas questões básicas que dizem respeito ao papel geral da teologia e da religião no sistema filosófico kantiano em geral; na *Parte Dois*, argumentei que Kant apresenta uma forma rica de teologia *simbólica*, que não implica em mera redução de toda religião à moralidade, como reclama a mais comum e tradicional chave de leitura. A *Parte Três* ofereceu uma detalhada descrição do argumento da *RL*, a partir de três distintos pontos de vistas: um que diz respeito a teologia filosófica, interpretando o que Kant chama de seu “primeiro experimento” (Capítulo VII), um outro que concerne a esta teologia filosófica que conduz ao que corresponde ao chamado “segundo experimento”, que interpreta a religião bíblica nos termos do primeiro experimento (Capítulo VIII); e a última que trata de uma hipotética teologia bíblica, que interpreta a filosofia kantiana nos termos da religião bíblica (Capítulo IX). O livro conclui-se na *Parte Quatro* com uma defesa do argumento de que o completo Sistema filosófico de Kant pode ser considerado como

4 Em 1986, enquanto ainda estava em Oxford, eu escrevi um dos primeiros artigos, o qual intitulei “*Can A Christian Be A Kantian?*”, o qual serviu como um manifesto para o projeto de trabalho fora das implicações religiosas e teológicas de *KSP*. Este artigo foi posteriormente publicado sob um título que foi revisto por conta da recomendação (mau conselho) do revisor: “*Immanuel Kant: A Christian Philosopher?*”, *Faith and Philosophy* 6.1 (Janeiro 1989), pp. 65-75. O novo título foi um infortúnio, pois ele levou a muitos leitores do meu trabalho a pensar que meu objetivo seria argumentar que o próprio Kant seria um cristão, enquanto, de fato, o objetivo do artigo era mostrar que ser um kantiano e ser um cristão não era conflituooso, contanto que ambos fossem interpretados propriamente. Uma primeira resposta sobre o artigo por Anthony Perovich deu-me a oportunidade de responder a primeira versão deste mal-entendido: Cf. “*Triangulating God: A Kantian Rejoinder to Perovich*”, *Faith and Philosophy* 11.2 (Abril 1994), pp. 302-310. Infelizmente, neste primeiro estágio da coisa eu não consegui prever quão sérios poderiam ser alguns dos mal-entendidos sobre o meu trabalho (ver a nota 8).

5 *Kant's Critical Religion: Volume Two of Kant's System of Perspectives* (Aldershot, UK: Ashgate, 2000).

pavimentando o caminho para um novo modo de olhar a experiência religiosa, o qual eu chamo de “Misticismo Crítico”.⁶

Embora algum ímpeto inicial tenha sido estimulado por *KCR*, na medida em que ajudou a gerar uma nova tendência nos estudos kantianos em língua inglesa, visto *RL* ser agora levada de modo mais sério como um trabalho que propriamente concerne ao plano sistemático básico de Kant, não sendo, por conseguinte, uma anomalia, mas sim parte do núcleo duro que ele estava tentando alcançar,⁷ alguns comentadores mal interpretaram-na pensando ser uma defesa da ideia de que o próprio Kant seria um cristão (ver nota 4), enquanto que outros enganaram-se acerca do principal argumento, achando ser este também apenas uma mera confirmação da principal ideia de *KSP* sobre a arquitetura kantiana ou defesa de que Kant se via como um místico – este último é, obviamente, falso.⁸ Devido a uma miscelânea de resultados inesperados sobre a recepção de *KCR*, eu decidi em 2006 começar a trabalhar sobre um compreensível comentário à *RL*.⁹ Eu percebi, que somente ao percorrer o texto de kantiano *linha por linha*, eu poderia demonstrar, detalhadamente, que meu principal argumento está enraizado no texto de Kant: no qual Kant sustentou uma interpretação não reducionista da relação entre religião e moralidade; também que o texto da *RL* emprega as mesmas quatro “perspectivas” que podem ser vistas operando nas três *Críticas*, nas quais Kant assevera uma *moderada* forma de experiência religiosa, mesmo enquanto critica, severamente, os demasiados comuns modos místicos de ser, os quais confiam, profundamente, na superstição e em uma irreal visão da habilidade do ser humano de conhecer a mente de Deus. Durante a subsequente década, devido ao trabalho neste

6 Eu, recentemente, compilei uma minuciosa versão revisada deste argumento baseado nos capítulos II, X e XII de *KCR*. Ele está sendo publicado como uma monografia intitulada *Baring All in Reason's Light: An Exposition and Defense of Kant's Critical Mysticism* (Aurora, CO: Noesis Press, 2017).

7 Veja a coleção de ensaios acadêmicos que eu coeditei com Chris L. Firestone intitulado *Kant and the New Philosophy of Religion* (Bloomington: Indiana University Press, 2006).

8 Chris Firestone e Nathan Jacobs, em seu livro *In Defense of Kant's Religion* (Bloomington: Indiana University Press, January 2008), enquadraram meu trabalho nos dois últimos argumentos e em um subsequente diálogo publicado na revista *Faith and Philosophy* 29.2 (April 2012), por conta de uma má leitura horrenda de minha interpretação acerca da teoria kantiana da religião – a qual ignora totalmente muitos dos meus argumentos atuais – Cf. Douglas McGaughey, “*Historical and Pure Religion: A Response to Stephen Palmquist*”, *Journal of Religion* 93.2 (2013), pp. 151-176. Para aqueles que leram recentemente meu trabalho, a imprecisão do enquadramento de McGaughey acerca de minha posição deve ser óbvio; embora eu pretenda escrever uma resposta detalhada, pontuando muitas assunções incongruentes, *CCKR* pode ser considerada como uma espécie de resposta.

9 Este fora publicado como *Comprehensive Commentary on Kant's Religion within the Bounds of Bare Reason* (Chichester, UK: John Wiley & Sons, 2016); daqui em diante *CCKR*. A segunda parte deste artigo oferece uma detalhada retrospectiva deste trabalho.

projeto, eu escrevi numerosos novos artigos sobre a *RL*, os quais aprofundaram e expandiram as posições que defendi em *KCR* e que, no entanto, sabia de antemão, não haveria espaço para incluí-los em *CCKR*.¹⁰

O tempo voltado à escrita tanto de *CCKR* quanto dos artigos suplementares à obra sobre a filosofia kantiana da religião causou-me um inesperado atraso para completar os volumes que projetei para o meu *Kant's System of Perspectives*. Eu obtive, no entanto, um bom progresso no Volume Três, intitulado *Kant's Critical Science*, visto ter escrito vários artigos que se tornarão a base para os capítulos deste livro em sua completude.¹¹ Publicar tanto este trabalho quanto o Volume Quatro, *Kant's Critical Anthropology*, será o principal foco de minha pesquisa durante a *segunda metade* de minha carreira acadêmica. Há outros três projetos, os quais estive trabalhando por algum tempo e espero completá-los em uma ou duas décadas. São estes: primeiro, *The Geometry of Logic*, um livro que introduz e defende (independentemente de sua aplicação a interpretação kantiana) o sistema de mapeamento lógico, que usei em *KSP*, *KCR*, e em várias outras publicações no esforço de elucidar as formas lógicas da arquitetura kantiana;¹² o segundo, *Changing the Changeless*, é uma monografia comparando a forma lógica do antigo *Yijing* (i.e., *Book of Changes*) chinês com a abordagem kantiana de sua alegada arquitetônica atemporal;¹³ e, terceiro, *The Power of Belief*, o qual é um

10 Estes artigos são muito numerosos para que sejam discriminados em uma lista completa aqui, embora eles formem um importante suplemento a *CCKR*, seguindo seu rasto na medida em que *CCKR* refere-se repetidamente a eles como posteriores elaborações dos argumentos que estão necessariamente expressos em uma forma fragmentada em um livro que é forçado a seguir a ordem da exposição de Kant. No entanto, as coisas mais significantes nestes artigos são citadas abaixo como parte de minha retrospectiva em *CCKR*.

11 Cf.: “Kant on Euclid: Geometry in Perspective”, *Philosophia Mathematica* II 5.1/2 (1990), pp. 88-113; “The Kantian Grounding of Einstein’s Worldview: (I) The Early Influence of Kant’s System of Perspectives”, *Polish Journal of Philosophy* IV.1 (Spring 2010), pp. 45-64; “The Kantian Grounding of Einstein’s Worldview: (II) Simultaneity, the Synthetic A Priori and God”, *Polish Journal of Philosophy* V.1 (Spring 2011), pp. 97-116; “Kantian Causality and Quantum Quarks: The Compatibility between Quantum Mechanics and Kant’s Phenomenal World”, *THEORIA: An International Journal for Theory, History and Foundations of Science* 28.2 (May 2013), pp. 283-302; and “Bohm’s Quantum Causality And Its Parallels In Kant’s Ideas Of Reason”, in *Death And Anti-Death, Volume 13: Sixty Years After Albert Einstein (1879-1955)*, ed. Charles Tandy (Palo Alto: Ria University Press, 2015), pp. 99-128 (Chapter Eight).

12 Em adição ao Capítulo *KSP* e em numerosas aplicações ao longo de *KSP*, *KCR*, e muitos dos meus artigos, Cf.: “Analysis and Synthesis in the Geometry of Logic”, *Indian Philosophical Quarterly* 19.1 (January 1992), pp. 1-14; “The Geometry of Logic”, Chapter 5 of *The Tree of Philosophy: A Course of Introductory Lectures for Beginning Students of Philosophy* (Hong Kong: Philopsychy Press, 2000 [1992]); and “Emergence, Evolution, and the Geometry of Logic: Causal Leaps and the Myth of Historical Development”, *Foundations of Science* 12.1 (March 2007), pp. 9-37.

13 Cf.: “Kant-Studies in the Hong Kong Philosophical Context”, in Hoke Robinson (ed.), *Proceedings of the Eighth International Kant Congress*, vol. I.3 (Milwaukee: Marquette University Press,

exame da natureza e aplicação da “analítica a posteriori”, isto é, a chave da classificação epistemológica que Kant, infelizmente, rejeitou (ou argumentou nesse sentido), mas que provou-se ter sido a ênfase maior no desenvolvimento do pós-kantismo na filosofia.¹⁴

Após dez anos trabalhando nestes e em outros projetos, *CCKR* foi, finalmente, publicado em dezembro de 2015. Por conta de este trabalho ser a culminação do que eu considerei (talvez por tempo demais!) como sendo, meramente, a *primeira metade* de minha carreira acadêmica, eu me concentrarei ao longo do restante do artigo em um exame detalhado de seu conteúdo. *CCKR* consiste em dois fios entrelaçados. O primeiro é uma cuidadosa análise do texto completo da *RL*, o qual eu apresento ao longo da versão revisada da tradução de Werner Pluhar (daqui em diante tal edição será citada como *WP*) publicada em 2009. Eu citei o texto de Kant por meio de excertos, estendendo-se estes desde uma a até cerca de trinta linhas, a depender de quanto a passagem é requeridamente importante para expressar a ideia completa. Estes blocos de citações são ilustrados por muitas notas de rodapé, comparando minha revisão com o texto original em alemão, com a edição de Pluhar e com outras duas traduções publicadas no século XX: a de George di Giovanni (a partir de agora *GG*) de 1998 pela *Cambridge Edition* das obras de Kant; e a de Theodore M. Greene e Hoyt H. Hudson (daqui em diante *GH*) de 1934. Um longo glossário no fim de *CCKR* também guia os leitores em direção a um profundo entendimento das nuances e significados da terminologia kantiana, especialmente de seu uso de termos religiosos específicos. O segundo fio consiste de explicação e interpretação, de entre um e três parágrafos, de cada passagem citada da *RL*. Nestes comentários, eu, concisamente, reitero a(s) principal(is) temáticas de Kant na passagem citada e, assim, discuto várias incertezas interpretativas que surgem na literatura secundária (eu discuto esta última em notas de

1995), pp. 1257-1271; “How ‘Chinese’ Was Kant?” (abridged version), *The Philosopher* 84.1 (Spring 1996), pp. 3-9; “The Unity of Architectonic Reasoning in Kant and *I Ching*”, in *Cultivating Personhood: Kant and Asian Philosophy*, ed. Stephen R. Palmquist (Berlin: Walter de Gruyter, 2010), pp. 811-821; “Architectonic Reasoning and Interpretation in Kant and *Yijing*”, *Journal of Chinese Philosophy* 38.4 (December 2011), pp. 569-583; “Mapping Kant’s Architectonic onto the *Yijing* via the Geometry of Logic”, *Journal of Chinese Philosophy* 39 Supplement (December 2012), pp. 68-86; “A Daoist Model for a Kantian Church”, *Comparative Philosophy* 4.1 (January 2013), pp. 67-89; and “Twelve Basic Philosophical Concepts in Kant and the Compound *Yijing*”, *Journal of Chinese Philosophy* 42.1-2 (March-June 2015), pp. 143-162.

14 Em adição a *KSP* §§IV. 3-4, cf. “A Priori Knowledge in Perspective: (II) Naming, Necessity and the Analytic A Posteriori”, *The Review of Metaphysics* 41.2 (December 1987), pp. 255-282; and “Analytic Aposteriority and its Relevance to Twentieth Century Philosophy”, *Studia Humana* 1.3/4 (2012), pp. 3-16.

rodapé se a incerteza for secundária). Eu também identifico as fontes de Kant e explico as várias alusões que ele faz tanto aos textos bíblicos quanto as várias ideias e tendências teológicas, políticas ou culturais. Por meio da tecelagem destes dois fios, *CCKR* oferece um recurso enciclopédico, ao qual leitores podem recorrer para esclarecer qualquer passagem da *RL*.

Em muito sentidos, o segundo fio de *CCKR* também serve como sumário e síntese de minha pesquisa prévia sobre a filosofia da religião de Kant: devido ao fato de o livro ser já muito extenso, em muitas passagens eu apenas pude sintetizar, de modo breve, os argumentos e as interpretações que defendi com maior extensão em 43 de minhas publicações anteriores citadas em *CCKR*. A pressuposição básica que perpassou a maior parte de meu trabalho é a de que o sistema filosófico em geral de Kant é *perspectivista*, e seus dois principais “pontos de vista”, o teórico e o prático, requerem uma ponte ou síntese na forma daquilo que chamo de “ponto de vista judicativo.” Uma das mais importantes funções da *RL*, em minha visão, é a de realizar uma conexão, concedendo um lugar à religião, *bem além daquele* de apenas uma moralidade pura. Eu, com isso, apresento em *CCKR* uma defesa para além desta da interpretação “afirmativa”, que defendi ao longo dos últimos 30 anos, uma posição que em muitos aspectos se opõe a visão tradicional (teologicamente negativa) da filosofia kantiana da religião como tentativa de reduzir toda religião à mera moralidade e, assim, em essência, de destruir, completamente, a religião em sentido histórico. Em contraste a esta última leitura, eu vejo o projeto de Kant na *RL* como uma tentativa de cultivar a moralidade ao nível da religião, por meio da qual o ser humano sozinho possa realizar sua moral natural básica.

Esta elevação da função da religião é a chave para o entendimento do título da *RL*: o foco de Kant é a “nua” (*bloßen*), e não a “pura” (*reinen*) razão. No Prefácio à segunda edição, Kant compara a religião racional e a religião histórica a dois círculos concêntricos, estando a religião racional no círculo interno. Em vez de alegar que a razão (ou seja, a moralidade) sozinha seria suficiente, Kant entende a religião racional em si mesma como um mero algo sem roupa (*bare*), despido – isto é, que necessita de vestimenta (*clothing*).¹⁵ Esta vestimenta vem em forma de crenças, símbolos e rituais

15 Eu, primeiramente, argumentei que se deveria traduzir *bloßen* como “bare” in “Does Kant Reduce Religion to Morality?”, *op cit*. Embora eu tenha persuadido WP a usar “bare” no título e em alguns contextos aludindo a metáfora da vestimenta, ele conservou a palavra “mere”. GG e GH também traduziu *bloßen* como “mere” e GH algumas vezes (tal como no seu título) usa “alone”. Mas, estas opções tiram a possibilidade de ver o uso kantiano do termo como uma metáfora, a qual ele faz explicitamente

religiosos, os quais (se funcionam propriamente) ilustram e guiam a verdades racionais, as quais elas vestem. Tal vestimenta teológica é, essencialmente, teórica, enquanto que o corpo despido da religião é prático; ao mostrar como a religião genuína sintetiza este dois elementos, Kant tenta conectar seus pontos de vista teórico e prático, de modo a preencher, por conseguinte, um espaço que, caso contrário, tornaria incompleto o seu sistema filosófico em geral.

Outra maneira de explicar o papel que a *RL* desempenha no sistema filosófico de Kant é por meio da afirmação de que ela completa sua resposta à questão acerca da esperança racional. Na *Crítica da Razão Pura* (de agora em diante *KrV*), Kant colocou a questão: se eu faço (“do”) o que devo, fazendo-me (*making*), então, digno da felicidade, o que me é permitido esperar? Na *RL*, Kant examina esta questão de um modo que leva em consideração as exigências da situação humana: caso eu tenha estado aquém de meu dever moral (indicando, com isso, que sou radicalmente mal), como posso tornar-me digno da felicidade e, desse modo, ter alguma razão para esperar? *RL* fornece a resposta de Kant na forma de uma teoria racional da conversão individual a uma “fé prática” em um arquétipo interno de humanidade perfeita e na cooperação comum em uma “comunidade ética”, por meio da qual indivíduos unem-se em esforço comum e divinamente guiado para apresentar um “modo de vida” (*Lebenswandel*), genuinamente, bom.

A exposição de Kant na *RL* gira em torno de duas “experiências” (*RL*, 6:12), que correspondem aos dois círculos concêntricos acima mencionados: primeiro, ele delinea o sistema da religião racional; daí, ele compara as doutrinas do Cristianismo a estas do seu sistema racional. Em cada uma das quatro Partes da *RL*,¹⁶ Kant apresenta um aspecto da religião racional (o mal radical, o arquétipo/a graça, a igreja invisível, o

em várias passagens do texto: Se a razão é “bare” (mero algo despido de vestimenta) quando consideramos sua habilidade de prover, exclusivamente, uma explicação racional para a religião, isto implica que ela necessita ser vestida, em vista de tornar-se socialmente aceitável (ou decente). WP é a única tradução de *RL* anterior à *CCKR*, que está familiarizado com papel desempenhado pela metáfora da vestimenta no texto kantiano, o qual é uma das razões para que eu a tenha usado como base para minha tradução revisada. Mas, em *CCKR*, eu uso, de forma consequente, o termo “bare” sempre que *bloßen* funciona como um adjetivo e merely” quando sua função é de advérbio.

16 Kant, originariamente, escreveu a *RL* como quatro artigos, os quais tentou publicar na *Berlinische Monatsschrift* como uma série de artigos acadêmicos. O primeiro ensaio apareceu em 1792, já o segundo foi censurado pelo departamento de censura em religião. Kant, então, rapidamente, compilou todos os quatro artigos juntos e os publicou como a *RL*, chamando cada pedaço maior de “Parte” (*Stück*) – provavelmente uma alusão sutil a controversa história deste trabalho. GG usa a tradução menos literal “part”; mas, isto esconde a referente tentativa de um trabalho original na forma ensaio.

serviço para com Deus) como a primeira experiência; depois, como segunda experiência, ele compara doutrinas Cristãs relevantes (o pecado original, Jesus/justificação, a igreja/salvação visível, o culto) à religião racional, a fim de ver quão bem as doutrinas históricas se ajustam ao vestirem o corpo despido (*bare*) da religião racional. Esta vestimenta é necessária, por conta de que uma debilidade na natureza humana (ou seja, nosso corpo encarnado) faz da despida (*bare*) religião racional algo pouco atraente: sem a instância histórica das despidas doutrinas da religião, nós nos sentiríamos impotentes para melhorar nosso modo de vida. Kant, com isso, permite que as manifestações históricas de tais doutrinas sirvam como representações simbólicas (vestimenta) à despida religião racional, realçando, assim, sua viabilidade para nós.

CCKR também assume a posição que defendi em vários de meus primeiros trabalhos, a saber, as quatro Partes que compõem a *RL* seguem a típica ordenação do sistema de perspectivas da arquitetura kantiana: tais partes adotam as perspectivas transcendental, lógica, empirista e hipotética, respectivamente. Como já expliquei em algum lugar, nesta abordagem perspectivista da filosofia kantiana: “chamar alguma coisa de ‘transcendental’... significa, para Kant, uma preocupação em identificar uma série de *limites condicionantes* que definem as características necessárias e universais de uma *perspectiva*; e esta perspectiva é o que *faz* de um objeto algo ‘real’, toda vez que ele encontra as condições definidas para tal.”¹⁷ Na *RL*, este objeto é a experiência religiosa em si mesma. Ao adotar esta estratégia perspectivista em *CCKR*, a qual eu desenvolvi em várias publicações prévias que a relaciona com as três *Críticas*, não somente se forneceu um meio efetivo para resolver várias das aparentes inconsistências que perturbavam os intérpretes da *RL*, mas também se facilitou um modo plausível para detectar quando Kant está fazendo a transição entre suas duas experiências, a saber, entre a religião racional e sua explícita discussão sobre crenças, símbolos e rituais cristãos.

A Primeira Parte adota a perspectiva transcendental, no sentido que argumenta Kant, de existir ali uma propensão para o mal na natureza humana e isto serve como a condição necessária (ou marca limite) para a possibilidade da religião. Eu penso que

17 Cf. meu artigo: “Transcendental Idealism as the Backdrop for Kant’s Theory of Religion”, in: *Palgrave Handbook on German Idealism*, ed. Matthew C. Altman (London: Palgrave/Macmillan, 2014), p.145.

Kant emprega um argumento *quasi-transcendental* para explicar esta propensão ao mal: o argumento procura estabelecer as condições necessárias para o que nós, efetivamente, experimentamos; mas isto não é estritamente a priori, pois depende de características contingentes relacionadas a vontade livre humana.¹⁸ Eu penso que os passos do argumento kantiano correspondem aos subtítulos das secções da Primeira Parte: qualquer ser com uma predisposição para o bem (Secção I) precisaria *pressupor* a existência de uma propensão ao mal, a fim de explicar como as más ações (ou escolhas) seriam possíveis (Secção II); nós observamos más ações (ou escolhas) no mundo (Secção III); daí, seres humanos devem possuir esta propensão que, conseqüentemente, faz deles radicalmente maus (Secção IV).¹⁹ Tendo explicado a origem racional do mal radical na natureza humana, Kant direciona-se ao segundo experimento e examina a doutrina cristã do pecado original; Kant diz que desde que entendamos isto racionalmente (isto é, “como uma característica transcendentemente ideal da natureza humana”²⁰), em vez de como uma teoria sobre a origem histórica do pecado no tempo, tal doutrina concorda com os ensinamentos da religião racional no que concerne ao mal radical.

O resto da *RL* é a tentativa de Kant de demonstrar como podemos superar nossa natureza má e tornarmo-nos bons. A segunda parte adota uma perspectiva lógica, no sentido que Kant ali estabelece os requisitos para *entender* e, assim, lidar com as condições transcendentais, de modo a caracterizar o limite do sistema religioso. A perspectiva lógica na *RL* exprime o modelo kantiano da graça, por meio da qual a exigência para superar o mal é ter fé prática no “*logos*” (Palavra), descrita por Kant como “*das Werde!*” - uma expressão enigmática, a qual eu traduzi como “*the Become!*” (*RL* 6:60; cf. *CCKR*, pp. 162, 208, 212). O argumento kantiano deve ser entendido como uma *ética* da graça (não uma *teologia* da graça)²¹: Ele argumenta que qualquer

18 Para mais detalhes sobre este ponto vejam meu artigo: “Kant’s Quasi-Transcendental Argument for a Necessary and Universal Evil Propensity in Human Nature”, *The Southern Journal of Philosophy* 46.2 (2008), pp. 261-297.

19 Eu ofereci um sumário de meu argumento em: “Transcendental Idealism as the Backdrop”, *op cit.*, pp.149-150. Como clarifiquei que (p.151): “a propensão ao mal não é algo real empiricamente constituinte de nossa natureza, mas um limite condicionante *transcendentemente ideal* que faz más ações possíveis [...] o argumento completo de Kant na primeira parte é uma (parcialmente escondida) aplicação do idealismo transcendental para a questão de por que seres humanos são religiosos.”

20 *Ibid.*, p 152; Cf. *RL* 6:40.

21 Eu trato sobre este ponto detalhadamente em: “Kant’s Ethics of Grace: Perspectival Solutions to the Moral Difficulties with Divine Assistance”, *The Journal of Religion* 90.4 (2010), pp. 530-553. Tal qual coloquei no “Transcendental Idealism as the Backdrop”, p 154, meu argumento básico é que, para

que seja a formulação teológica que possamos adotar, o resultado deve ser algo que nossa interna “convicção” (*Gesinnung*; veja a nota 27 abaixo) possa ajustar-se ao arquétipo (*Urbild*) da humanidade moralmente perfeita, o qual encontramos na razão humana. Kant, então, volta-se ao segundo experimento e argumenta que Jesus e as noções Cristãs da graça e da justificação podem ser interpretadas como modos de vestimentas apropriadas para a despida religião da razão.²²

Kant está preocupado com a natureza humana em geral ao longo da *RL*, mas muda seu foco sobre isso na altura da metade livro: as duas primeiras Partes da *RL* examinam como nossa natureza humana comum influencia o desenvolvimento da moral *individual* em geral e a procura pela transformação religiosa em particular; na Terceira e Quarta partes, em contrapartida, Kant examina como nossa natureza humana comum impõe sobre nós o dever de trabalhar em conjunto nas *comunidades*, se estivermos a realizar nossa predeterminação (*Bestimmung*) moral²³. *CCKR* mostra que na Terceira Parte Kant adota a perspectiva empirista, a fim de resolver as efetivas necessidades para completar o sistema religioso. O foco de Kant na Terceira Parte é, com isso, sobre como formas históricas da religião podem manifestar a religião racional. Em vista do combate ao princípio mal na nossa natureza, os seres humanos devem unir-se para construir uma comunidade ética a qual deve ter a forma de uma igreja, pois seus membros podem estar unidos em um meio não coercitivo *somente* se todos, mutuamente, recorrerem a ideia de Deus. Kant, desse modo, volta-se ao círculo exterior, comparando as origens e a natureza do Cristianismo histórico à noção racional de igreja (invisível). *CCKR* demonstra que após Kant apresentar quatro exigências ou “marcas” da verdadeira igreja (invisível) na Terceira Parte, Divisão Um, Secção IV (*RL* 6:101-102), as próximas quatro secções exploram, em contrapartida, as mais profundas implicações destas quatro condições básicas: Secção V argumenta que crenças históricas alcançam a *universalidade* somente se fundamentadas em uma pura fé racional; Secção VI diz que a razão prática (moralidade) deve ser a principal intérprete de todas as Escrituras, em vista de proteger a integridade (*Lauterkeit*) da verdadeira igreja; Secção VII mostra como a

Kant, “a graça pode ser, propriamente, entendida apenas quando a interpretamos contra o pano de fundo das limitações do conhecimento humano, que acompanha uma afirmação do idealismo transcendental.”

22 Examinei, em detalhes, a visão de Kant sobre Jesus: “Could Kant’s Jesus Be God?”, *International Philosophical Quarterly* 52.4 (2012), pp. 421-437.

23 Examinei, em detalhes, a estrutura e as implicações do argumento espacial de Kant em: “Kant’s Religious Argument for the Existence of God—The Ultimate Dependence of Human Destiny on Divine Assistance”, *Faith and Philosophy*. 26.1 (2009), pp. 3-22.

liberdade deve caracterizar a relação entre os membros da igreja, de modo que eles procurem entender doutrinas tais como “fé santificada”; e a Divisão Dois ilustra o modo como estas quatro necessidades devem permanecer *imutáveis*, se a verdadeira igreja está a evitar ser corrompida.²⁴ Kant declara na *KrV*, que apenas um idealista transcendental pode ser um realista empírico, daí também o seu sistema de religião racional estabelecer um lugar legítimo (e, além disso, uma *necessidade* racional) para a religião histórica.

Por fim, Kant adota a perspectiva hipotética na Quarta Parte, por meio do exame de como os membros de uma igreja podem tentar servir a Deus de um modo verdadeiro (hipotético/moral) ou um falso (especulativo/supersticioso). Ele argumenta que o verdadeiro serviço para com Deus consiste em atos realizados com a intenção de obedecer a lei moral; atos não morais podem contar com o serviço *indireto* de Deus, se eles capacitarem as pessoas a tornarem-se melhores moralmente. No entanto, se atos não morais forem elevados ao *status* de serem, diretamente, agradáveis a Deus, então os rituais da igreja terminam por ir de encontro aos seus próprios propósitos; Kant chama a isto de “falso serviço”. Aqui creio que Kant aplica a lógica de sua hipótese copernicana (como introduzida no segundo Prefácio de *KrV*) ao entendimento próprio do culto religioso: longe de negar a validade das tradições da religião histórica, ele argumenta “que a religião empírica deve ser um meio necessário para propagar a moralidade universal.”²⁵ Kant entremeia a discussão de seus dois experimentos ao longo das seções da Parte Quatro, examinando o Cristianismo de modo a mostrar como ele pode promover o verdadeiro serviço para com Deus, que é ensinado pela religião racional (por meio de uma adequada e *hipotética* interpretação de sua tradição) e como, em vez disso, tal serviço sempre termina por promover um falso serviço (por meio de uma injustificada e *especulativa* interpretação da sua tradição).

Enquanto a abordagem geral de interpretação da *RL* que apresentei na *CCKR* não contém nada de radicalmente novo – isto é, as precedentes estratégias e pressupostos serão todas familiares aos leitores de meus livros e artigos anteriores sobre a filosofia kantiana da religião -, *CCKR* traz um avanço significativo sobre o meu trabalho prévio, não apenas trazendo o conjunto de todos estes diversos argumentos em um único texto,

24 Na Parte IV de *CCKR*, eu ainda demonstrei que as quatro marcas da verdadeira igreja continua a estar no centro da atenção de Kant, visto que ele examina como as igrejas podem as colocar em prática, pois elas selecionam, interpretam e revisam suas crenças particulares, símbolos e rituais em um esforço para propagar a fé racional pura pelo mundo.

25 “Transcendental Idealism as the Backdrop”, p. 159.

mas também em duas outras vias: eu sugiro e defendo novas traduções para cerca de 50 dos mais importantes termos técnicos de Kant; e revelo várias fontes que, provavelmente, influenciaram muitos escritos de Kant em vários momentos. Eu devo concluir esta panorâmica, destacando alguns dos mais significantes exemplos destes dois tipos de novas contribuições.

A precedente panorâmica pontua vários termos-chave que retraduzi em *CCKR*.²⁶ “bare” foi substituído por “alone” (GH) e “mere” (GG) por *bloßen* (ver nota 15); “piece” por “book” (GH) e “part” (GG) por “*Stück*” (ver nota 16); “lifestyle” expressa melhor as nuances da *Lebenswandel*n de Kant do que várias outras expressões usadas por outros tradutores, tais como “life-conduct” e “way of life”; quando *Bestimmung* não carrega seu significado usual, “determining”, eu uso “predetermination” em vez de “vocation” (GH, GG, e WP), visto expressar melhor a visão de Kant de que a nossa natureza moral não é algo da qual nós estamos livres para rejeitar ou escolher; para *Lauter(keit)* eu uso “ingenuous”/“integrity”, em vez de “pure”/“purity”, evitando, desse modo, uma confusão com *reinen*; e *Gesinnung* não se refere nem a uma “disposition” (GH and GG) metafísica, tampouco a uma “attitude” (WP) psicológica, mas sim ao que os religiosos denominam de *convicção* interna.²⁷ Dentre outras inovações terminológicas de *CCKR*, quatro exemplos significantes nos chamam atenção. *Schwärmerei* não se refere a nenhuma forma de “ismo”, tal qual “fanaticism” (GH e WP), tampouco a alternativa de GG, “enthusiasm”, captura seu potencial de se referir tanto a estados psicológicos negativos quanto a positivos; em vez disso, *Schwärmerei* é uma forma de distúrbio psicológico (tênue limite antes de uma doença), que consegue ser alegre ou depressivo, estando, assim, melhor traduzida como “delirium”. Traduzir *Seligmachung* e *Seligwerdung* como “sanctification” clarifica certos clamores teológicos, que, de outro modo, permaneceria obscuro. *Gottesdienst* significa “liturgy”, e não o distante e literal “service of God”. E *Glaubenslehre* significa “dogmatics” no sentido teológico clássico; a usual “doctrine of faith” é também demasiado literal. Eu defendo estes e numerosos outros acordos no glossário de *CCKR*. Ao traduzir tais termos especiais, e ao revisar a tradução de Pluhar de *RL*, meus dois primeiros objetivos

26 Nota do tradutor: resolvi não traduzir tais termos, a fim de manter o sentido exato das traduções feitas pelo autor.

27 Ver meu artigo, “What is Kantian *Gesinnung*? On the Priority of Volition over Metaphysics and Psychology in Kant’s *Religion*”, *Kantian Review* 20.2 (2015), pp. 235-64.

foram a consistência e a acurácia para capturar o nuançado significado *religioso* dos termos especiais que Kant emprega na *RL*.

Das várias fontes recém-reveladas na *CCKR*, de longe as mais significantes descobertas se referem às várias diferenças substantivas entre a primeira edição de *RL* (1793) e a sua segunda (1794) – um problema que eu (tal como outros comentadores que conheço) negligenciei no meu trabalho anterior sobre a *RL*. A única exceção é um artigo demonstrando que o crítico anônimo do livro, mencionado perto do final do segundo Prefácio da *RL*, cuja crítica à primeira edição Kant argumenta “livrar-se” (*RL* 6:13) com uma breve resposta, fez, na verdade, cinco *outras* críticas e que em, pelo menos, duas Kant respondeu mudando algumas partes do texto principal.²⁸ Naturalmente, eu também destaquei estes pontos em *CCKR*. Contudo, uma descoberta completamente nova reportada em *CCKR* diz respeito ao Segundo Prefácio, no qual Kant também elogia um trabalho em latim datado de 1793 de Gottlob Christian Storr, que se foca inteiramente na filosofia kantiana da religião. Kant escreve como se não houvesse tido tempo para incluir as respostas a Storr; mas, ao analisar cuidadosamente as muitas citações de Storr em específicas páginas de seu trabalho nas quais ele criticou alguns argumentos de Kant na primeira edição de *RL*, eu demonstrei que a maioria das 26 novas notas de rodapé da segunda edição de *RL* são respostas diretas às críticas de Storr.

Por fim, *CCKR* dá significativa atenção ao papel dos Comentários Gerais sobre o sistema kantiano da religião – o qual Kant chama de “parerga” na segunda edição da *RL* – de modo a mostrar como tais comentários não são meramente opcionais, mas sim examinam questões cruciais que qualquer pessoa que procura viver um modo religioso deve levar em consideração. Em todo caso, elas representam o risco que Kant procura corrigir ao reinterpretar a natureza da experiência religiosa. Eu argumento que ao longo da *RL*, especialmente nestes quatro apêndices, Kant desenvolve o que eu chamo de “misticismo Crítico”: em vez de relativizar a legitimidade de toda experiência religiosa, ele procura refinar o modo por meio do qual as pessoas religiosas entendem suas mais profundas experiências, de forma que elas não contradigam as limitações do

28 Ver meu artigo (no qual há uma completa tradução da revisão do livro), “The Implied Standpoint of Kant’s *Religion*: An Assessment of Kant’s Reply to (and an English Translation of) an Early Book Review of *Religion within the Bounds of Bare Reason*”, com coautoria de Steven Otterman, *Kantian Review* 18.1 (2013), pp. 73-97.

conhecimento estabelecidas na *KrV*.²⁹ Um ponto importante para se notar aqui é que a segunda edição da *RL* contém o que parece ser um erro de impressão: na primeira edição, a Primeira Parte não tinha nenhum Comentário Geral; Kant adicionou um (longo) parágrafo do novo material à segunda edição, colocando-o em uma fonte pequena e apenas o inserindo após a Secção V da Primeira Parte. No entanto, de alguma maneira, a Secção V inteira terminou por ser renomeada como Comentário Geral. Este foi, provavelmente, um erro de impressão, pois os argumentos da Secção V são constitutivos do sistema kantiano da religião, enquanto estes do novo parágrafo não são; apenas o último poderia contar como o primeiro Comentário Geral. Este é, no entanto, um dos numerosos exemplos dos novos argumentos sobre o texto da *RL*, desenvolvidos ao longo de *CCKR*.³⁰

Embora esta panorâmica de minha pesquisa sobre Kant ao longo dos últimos 35 anos tenha sido, largamente, uma retrospectiva, eu notei também que há ainda muito trabalho a ser feito. Eu estou comprometido em não somente completar os Volumes Três e Quatro de meu *Kant's System of Perspectives*, mas também (como mencionei acima) em publicar meus textos aguardados há muito tempo, a saber, *The Geometry of Logic* e *The Power of Belief*. Igualmente, meu crescente interesse recente em explorar possíveis correlações entre Kant e *Yijing* deve logo vir a completar-se na forma de uma *Changing the Changeless*. Além do mais, assim como *KCR* deu origem a necessidade da *CCKR*, este último conduzirá, sem dúvida, a futuros estudos sobre a filosofia kantiana da religião, que investigarão ainda mais profundamente a *RL*, um dos trabalhos mais fascinantes de Kant. Por exemplo, eu estou, atualmente, nos primeiros passos da preparação para traduzir o negligenciado comentário de Gottlob Christian Storr de 1793 sobre a primeira edição de *RL*,³¹ o qual deve lançar nova luz sobre as motivações de Kant para escrever uma segunda edição de *RL* apenas um ano após a primeira edição. Com estes projetos e outros (não mencionados aqui) competindo por minha atenção, eu

29 Após a publicação de *CCKR* eu desenvolvi este novo argumento em *Baring All in Reason's Light*, *op cit.*

30 Eu reconheço com gratidão a ajuda de meu pesquisador assistente, Brandon Love, que coletou notas em um esboço preliminar da segunda metade deste artigo. Obviamente, alguns eventuais erros desta versão final são de minha inteira responsabilidade.

31 *Annotationes quaedam theologicae ad philosophicam Kantii de religion doctrinam* (Tübingen: Bornium, 1793); Tradução alemã de J.F. Flatt, *Bemerkungen über Kants philosophische Religionslehre* (Tübingen: J.G. Cottaischen, 1794).

espero ansiosamente pelas próximas décadas de pesquisa em Kant com grande entusiasmo!

Referências

FIRESTONE, F; JACOBS, N. (2008) *In Defense of Kant's Religion*. Bloomington: Indiana University Press.

McGAUGHEY, D. (2013) "Historical and Pure Religion: A Response to Stephen Palmquist", *Journal of Religion* 93.2, pp. 151-176.

OTTERMAN, S.; PALMQUIST, S. (2013) "The Implied Standpoint of Kant's *Religion*: An Assessment of Kant's Reply to (and an English Translation of) an Early Book Review of 'Religion within the Bounds of Bare Reason'", *Kantian Review* 18.1, pp. 73-97.

PALMQUIST, S. (1984) "Faith as Kant's Key to the Justification of Transcendental Reflection", *The Heythrop Journal* 25.4 (Outubro), pp. 442-455.

_____. (1985) "The Radical Unknowability of Kant's 'Thing in Itself'", *Cogito* 3.2 (Março), pp. 101-115.

_____. (1986) "Six Perspectives on the Object in Kant's Theory of Knowledge", *Dialectica* 40.2, pp. 121-151.

_____. (1986) "The Architectonic Form of Kant's Copernican Logic", *Metaphilosophy* 17.4 (Outubro), pp. 266-288.

_____. (1987) "Knowledge and Experience—An Examination of the Four Reflective 'Perspectives' in Kant's Critical Philosophy", *Kant-Studien* 78.2, pp. 170-200.

_____. (1993) *Kant's System of Perspectives: An Architectonic Interpretation of the Critical Philosophy*. Lanham, MD: University Press of America.

_____. (1989) "Can A Christian Be A Kantian?". In: "*Immanuel Kant: A Christian Philosopher?*", *Faith and Philosophy* 6.1 (Janeiro), pp. 65-75.

_____. (2000) *Kant's Critical Religion: Volume Two of Kant's System of Perspectives* (Aldershot, UK: Ashgate).

_____. (2017) *Baring All in Reason's Light: An Exposition and Defense of Kant's Critical Mysticism*. Aurora, CO: Noesis Press.

_____. (2006) *Kant and the New Philosophy of Religion*. Bloomington: Indiana University Press.

_____. (2016) *Comprehensive Commentary on Kant's Religion within the Bounds of Bare Reason*. Chichester, UK: John Wiley & Sons.

_____. (1990) "Kant on Euclid: Geometry in Perspective", *Philosophia Mathematica* II 5.1/2, pp. 88-113.

_____. (2010) "The Kantian Grounding of Einstein's Worldview: (I) The Early Influence of Kant's System of Perspectives", *Polish Journal of Philosophy* IV.1 (Spring), pp. 45-64.

_____. (2011) "The Kantian Grounding of Einstein's Worldview: (II) Simultaneity, the Synthetic A Priori and God", *Polish Journal of Philosophy* v.1 (Spring), pp. 97-116.

_____. (2013) "Kantian Causality and Quantum Quarks: The Compatibility between Quantum Mechanics and Kant's Phenomenal World", *THEORIA: An International Journal for Theory, History and Foundations of Science* 28.2 (May), pp. 283-302.

_____. (2015) "Bohm's Quantum Causality And Its Parallels In Kant's Ideas Of Reason". In: Charles Tandy (ed.), *Death And Anti-Death, Volume 13: Sixty Years After Albert Einstein (1879-1955)*, (Palo Alto: Ria University Press), pp. 99-128 (Chapter Eight).

_____. (1992) "Analysis and Synthesis in the Geometry of Logic", *Indian Philosophical Quarterly* 19.1 (January), pp. 1-14.

_____. (2000 [1992]) "The Geometry of Logic". In: *The Tree of Philosophy: A Course of Introductory Lectures for Beginning Students of Philosophy (Chapter 5)*. Hong Kong: Philopsychy Press.

_____. (2007) "Emergence, Evolution, and the Geometry of Logic: Causal Leaps and the Myth of Historical Development", *Foundations of Science* 12.1 (March), pp. 9-37.

_____. (1995) "Kant-Studies in the Hong Kong Philosophical Context". In: Hoke Robinson (ed.), *Proceedings of the Eighth International Kant Congress*, vol. I.3 (Milwaukee: Marquette University Press), pp. 1257-1271.

_____. (2010) "The Unity of Architectonic Reasoning in Kant and *I Ching*". In: Stephen R. Palmquist (ed.), *Cultivating Personhood: Kant and Asian Philosophy*, (Berlin: Walter de Gruyter), pp. 811-821.

_____. (2011) "Architectonic Reasoning and Interpretation in Kant and *Yijing*", *Journal of Chinese Philosophy* 38.4 (December), pp. 569-583.

_____. (2012) "Mapping Kant's Architectonic onto the *Yijing* via the Geometry of Logic", *Journal of Chinese Philosophy* 39 Supplement (December), pp. 68-86.

_____. (2013) "A Daoist Model for a Kantian Church", *Comparative Philosophy* 4.1 (January), pp. 67-89.

_____. (2015) “Twelve Basic Philosophical Concepts in Kant and the Compound *Yijing*”, *Journal of Chinese Philosophy* 42.1-2 (March-June), pp. 143-162.

_____. (1987) “A Priori Knowledge in Perspective: (II) Naming, Necessity and the Analytic A Posteriori”, *The Review of Metaphysics* 41.2 (December), pp. 255-282.

_____. (2012) “Analytic Aposteriority and its Relevance to Twentieth Century Philosophy”, *Studia Humana* 1.3/4, pp. 3-16.

_____. (2014) “Transcendental Idealism as the Backdrop for Kant’s Theory of Religion”. In: Matthew C. Altman (ed.), *Palgrave Handbook on German Idealism*, (London: Palgrave/Macmillan), p.145.

_____. (2008) “Kant’s Quasi-Transcendental Argument for a Necessary and Universal Evil Propensity in Human Nature”, *The Southern Journal of Philosophy* 46.2, pp. 261-297.

_____. (2010) “Kant’s Ethics of Grace: Perspectival Solutions to the Moral Difficulties with Divine Assistance”, *The Journal of Religion* 90.4, pp. 530-553.

_____. (2012) “Could Kant’s Jesus Be God?”, *International Philosophical Quarterly* 52.4, pp. 421-437.

_____. (2009) “Kant’s Religious Argument for the Existence of God—The Ultimate Dependence of Human Destiny on Divine Assistance”, *Faith and Philosophy* 26.1, pp. 3-22.

_____. (2015) “What is Kantian *Gesinnung*? On the Priority of Volition over Metaphysics and Psychology in Kant’s *Religion*”, *Kantian Review* 20.2, pp. 235-64.

PEROVICH, A. (1994) “Triangulating God: A Kantian Rejoinder to Perovich”, *Faith and Philosophy* 11.2 (April), pp. 302-310.

STORR, G. C. *Annotationes quaedam theologicae ad philosophicam Kantii de religion doctrinam* (Tübingen: Bornium, 1793); Tradução alemã de J.F. Flatt, *Bemerkungen über Kants philosophische Religionslehre* (Tübingen: J.G. Cottaischen, 1794).